

## Imagens dos novos arranjos familiares: Sujeitos em situação de rua

Images of the new familiar arrangements:  
Subjects in street situation

Virgínia Macedo de Souza Silva\*  
Eunice Simões Lins Gomes\*\*

**Resumo:** O estudo objetiva descrever as imagens simbólicas dos sujeitos em Situação de Rua no contexto paraibano, visando compreender o seu arranjo familiar. Um levantamento prévio de algumas experiências dos sujeitos agrupados próximo ao Mercado de Peixe, em Tambaú, na cidade de João Pessoa-PB, mostrou que a família neste agrupamento social se constitui um espaço para a garantia da sobrevivência e de proteção de seus membros. Há nesse agrupamento social um distanciamento da “família nuclear” além de que a situação econômica impele os sujeitos em situação de rua a uma mobilidade geográfica. A pesquisa realizada foi descritiva e de campo, cujo instrumento de pesquisa foi a História de Vida dos sujeitos em situação de rua. Como aporte, utilizamos o Imaginário de G. Durand, por entender que o imaginário permite elaborar uma lógica dinâmica de composição de imagens de acordo com os regimes diurno e noturno.

**Palavras-chave:** Público em Situação de Rua. Arranjos familiares. Imaginário.

**Abstract:** The study aims to describe the symbolic images of the subjects in street situation in the context of Paraíba, visualizing to comprehend this familiar arrangement. An earlier survey of some subjects experiences grouped near the Mercado do Peixe, Tambaú, in João Pessoa/PB, showed that the families in this social grouping constitute a space of survival warranty and the protection of its members. There are in this social grouping a departure of the “nuclear family” apart from that the economic situation impels the subjects in street situation to a geographic mobility. The research made was descriptive and of field, whose its research tool was

---

\* Professora e mestranda em Ciências das Religiões – PPGCR-UFPB – email [vimasilva2008@gmail.com](mailto:vimasilva2008@gmail.com)

\*\* Professora Pós-Doutora e docente na graduação e pós-graduação em Ciências das Religiões CE-UFPB. Líder do grupo de estudo e pesquisa em antropologia do imaginário - GEPAL. [www.gepai.com.br/](http://www.gepai.com.br/) email [euniceslgomes@gmail.com](mailto:euniceslgomes@gmail.com)

the subject's History of Life in street situation. As contribution, we utilize the G. Durand's Imaginaire, understanding that the imaginaire permits to elaborate a dynamic logic of image composition according to the daytime and nighttime regimes.

**Keywords:** Public in street situation. Familiar Arrangements. Imaginaire.

## INTRODUÇÃO

A humanidade em seu *trajeto antropológico*<sup>1</sup> parece desenvolver uma tendência heraclitiana, pois sua vivência, nos mais diversos estados da humanidade – selvagem, barbárie e civilização (MARX; ENGELS, [s.d], p.21-25) – demonstra essa permanente mudança: “É impossível entrar no mesmo rio duas vezes”, dizia Heráclito (c. 544-480 a.C). Esse devir tem conduzido o homem a uma busca incessante pela sobrevivência e isto o leva a constantes inovações, as quais são arquitetadas em seu imaginário, que é o “museu” das ideias, ou melhor, lugar onde a imaginação dar à luz aos projetos socioculturais.

Esses projetos têm em seu bojo a construção de uma sociedade mais solidária, onde o homem em seu caminhar histórico – à exceção daqueles de almas beligerantes – tem desenhado um esquema para promoção dos laços familiares, mesmo que não sejam laços de consanguinidades.

Visando compreender as relações sociais da população em situação de rua e os novos arranjos familiares que vêm se esboçando na história da sociedade brasileira, desenvolvemos este estudo, cujo aporte é o imaginário de G. Durand.

O imaginário durandiano está estruturado em dois regimes o diurno e o noturno que mostram como as imagens do homem se formam e como assimilam os eventos sociais transformando-os metaforicamente para adequá-los a realidade própria de cada cultura.

Essas imagens mentais têm uma ligação com os gestos corporais e arquetípicos que remetem à verticalidade, à deglutição, à digestão e à sexualidade. Ou melhor, essas imagens arquetípicas têm a ver com a constituição do indivíduo como ser humano. Wunenburger e Araújo (2003, p. 27) dizem que Durand em sua teoria

---

<sup>1</sup> Diz-se do processo de maturação biopsicossocial do homem em busca da eufemização do tempo e da morte.

mostra “como as imagens se inserem num trajeto antropológico, que começa a nível neurobiológico, para se estender ao nível cultural”. “A classificação dos símbolos e dos arquétipos organiza-se deste modo em torno dos principais reflexos dominantes (dominantes posturais, copulativas e digestivas)” (WUNENBURGER; ARAÚJO, 2003, p. 28), que Durand vai chamar de dominante heroica, mística e dramática.

Essas imagens também condizem com a vivência social, pois, em seu *trajeto antropológico*, o homem lutou incessantemente por condições viáveis a sua sobrevivência, o que possibilitou na transformação da natureza em prol do atendimento às suas necessidades primordiais. Neste caminhar rumo à construção social e a uma resposta eficaz que o faça suportar a dura realidade do tempo e da morte, a imaginação do homem produziu os meios para a concretização destes projetos: criou seus símbolos, ritos e mitos.

Partindo do pressuposto de que o homem é um ser social em busca da construção de relações afetivas que deem sentido a sua vida, objetivamos descrever as imagens simbólicas dos Sujeitos em Situação de Rua no contexto paraibano, visando compreender esse arranjo familiar na contemporaneidade.

O estudo, que teve o aporte da hermenêutica simbólica durandiana, foi estruturado no método qualitativo e na pesquisa descritiva e de campo. Para tanto, fizemos um recorte do público em situação de rua, moradores nas adjacências do Mercado de Peixe de Tambaú.

A organização deste estudo procurou uma apresentação histórica linear que desse suporte à compreensão da estrutura familiar e de sua base social, como também um breve resumo da teoria do imaginário engendrada por G. Durand para que o leitor pudesse compreender a interpretação das imagens desveladas a partir da história de vida dos sujeitos em situação de rua.

Destarte, dividimos o estudo em duas partes: a primeira, denominada *um caminho em busca da construção social* apresenta uma revisão de literatura e a segunda, intitulada *desvelando os arranjos familiares* se propõe a interpretar as imagens dos sujeitos em situação de rua a partir da hermenêutica simbólica durandiana.

Finalmente, podemos, neste estudo, fazer uma confluência da história com o imaginário. E, neste trajeto, convidamos você, leitor, para conosco desenhar os novos-velhos arranjos familiares da população em situação de rua.

## 1 UM CAMINHO EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL

### 1.1 A pré-história da família

Neste item, apresentamos algumas considerações sobre a pré-história da família, cuja origem e evolução são temas de uma complexidade, que provoca certa discrepância entre os etnólogos, como também envolve questões que são “tabus”, pelo menos na sociedade Ocidental, tais como: incesto, promiscuidade sexual, poligamia<sup>2</sup> e poliandria<sup>3</sup>.

A complexidade da formação da família parece consistir na própria busca pela vida, pois, desde a mais remota época da humanidade, em seu processo de hominização e de socialização, o caminho do homem foi marcado por inúmeras dificuldades nas mais diversas áreas. As dificuldades de defesa, de sobrevivência, e de convívio com o seu semelhante, por outro lado, provavelmente, garantiram a formação do agrupamento social, pois, sozinho, a dificuldade de enfrentar as intempéries aumentaria sobremaneira.

A origem da família nos remete a organização familiar entre os animais mamíferos, pois essa “organização” aconteceu durante o processo de tolerância entre os machos adultos e a ausência de ciúmes do macho com relação à fêmea. Esses fatores constituíram-se em condições necessárias para que se pudessem formar “grupos numerosos e estáveis, em cujo seio, unicamente, podia operar-se a transformação do animal em homem” (MARX; ENGELS, [s.d], p.31).

Marx e Engels ([s.d]) ao discorrerem sobre a origem da família apresentam um estudo realizado por Morgan<sup>4</sup> (1818-1881), que divide a pré-história da família em três estados: selvagem, barbárie e civilização. Os dois primeiros ele subdivide cada um em três fases: inferior, média e superior, porém, do terceiro estado Morgan não se ocupa, apenas mostra a passagem da segunda para a terceira fase. Sucintamente, abordaremos os dois estados com suas devidas fases, conforme Marx e Engels ([s.d], p. 21-25).

---

<sup>2</sup> Diz-se do casamento de um homem com várias mulheres, ao mesmo tempo.

<sup>3</sup> Diz-se do casamento de uma mulher com vários homens, ao mesmo tempo.

<sup>4</sup> Morgan, Lewis Henry – homem da ciência norte-americano, etnógrafo e historiador da sociedade primitiva.

Desse modo, é possível entender que o estado selvagem da humanidade foi, em sua fase inferior, um período de transição que pode ter durado milênios, e no qual o homem vivia parcialmente em cima de árvores e era herbívoro; o maior progresso do homem nessa fase foi a linguagem articulada.

Entretanto, encontramos registros de que a fase média do estado selvagem do homem foi um período em que ele utilizava ferramentas feitas de pedras sem polimento; foi uma fase da descoberta do fogo, o que lhe permitiu o cozimento dos alimentos. Nesta fase, são introduzidos em sua alimentação o peixe, o molusco, os crustáceos e outros animais aquáticos. Com as primeiras armas – a clava e a lança –, ele pôde caçar, tendo o produto como alimento suplementar. Nesta fase, ele pôde seguir o curso do rio e as costas dos mares, pôde espalhar-se sobre a maior parte da superfície da terra.

Porém, na fase superior do estado selvagem, o homem produziu a arma decisiva para sua época: o arco e a flecha. Nesta fase, os animais caçados passaram a ser alimentação regular. Foi um período importante, pois, com o fogo e o machado de pedra, o homem pôde construir a partir do tronco das árvores uma embarcação, a piroga, e também com as pranchas de madeira construir suas casas. Esses progressos são encontrados entre os índios da América.

A barbárie constitui-se o segundo estado do homem primitivo. Em sua fase inferior, foi introduzida a cerâmica. Esta fase se caracterizou pela domesticação e criação de animais e cultivo de plantas. No continente oriental, conhecido como mundo antigo, havia inúmeros animais domesticáveis e muitas espécies de plantas para o cultivo, já no Ocidente, só havia um animal domesticável, a lhama, e uma planta cultivável, o milho.

A fase média da barbárie é marcada, no Leste, pela domesticação dos animais, e no Oeste, pelo cultivo das hortaliças irrigadas e também pelo uso do tijolo cru e da pedra nas construções. No Leste, os arianos e os semitas domesticavam o gado com a formação de grandes rebanhos para o fornecimento da carne e do leite.

A fase superior deste estado inicia-se com a fundição do minério de ferro, e passa para a fase da civilização com a aquisição da escrita alfabética e sua utilização em escritos literários. Esta fase só existiu de maneira independente no hemisfério oriental, dela fazem parte os gregos da época heroica, as tribos ítalas, os germanos de Tácito, os normandos do tempo dos vikings.

A agricultura inicia-se na fase da civilização; começam as transformações da natureza, a produção cultural. “Período que o homem continua aprendendo a elaborar os produtos naturais, período da indústria propriamente dita e da arte”(MARX; ENGELS, [s.d], p. 25).

Descrevemos mesmo que de forma sucinta toda essa contextualização histórica, com o objetivo de facilitar a compreensão de como se originou a família, pois assim como o processo de aprendizagem da natureza foi utilizado para poder transformá-la a seu favor exigiu do homem primitivo anos e anos de tentativas, erros e acertos; a construção da família também foi um longo processo de aprendizagem na história da humanidade.

Segundo Morgan (IN: MARX; ENGELS, [s.d],p.32-40), do estado primitivo de promiscuidade, provavelmente bem cedo, no regime de matrimônio por grupo, formaram-se: a família consanguínea, em que havia relação carnal mútua entre todos os membros da família; a família punalua (companheiro íntimo), costume havaiano em que certo número de irmãs carnis ou primas eram mulheres comuns de seus maridos comuns, dos quais ficavam excluídos seus irmãos; a família sindiásmica, em que o homem vive com uma mulher, mas de maneira tal que a poligamia e a infidelidade ocasional continuam a ser um direito dos homens, cujos laços conjugais são frágeis e na separação do casal os filhos pertencem exclusivamente à mulher.

Resumindo o processo de origem da família, Marx e Engels ([s.d], p. 40) afirmam que a evolução da família nos tempos pré-históricos:

consiste numa redução constante do círculo em cujo seio prevalece a comunidade conjugal entre os sexos, círculo que originariamente abarcava a tribo inteira. A exclusão progressiva, primeiro dos parentes próximos, depois dos parentes distantes e, por fim, até das pessoas vinculadas apenas por aliança, torna impossível, na prática qualquer matrimônio por grupos [...].

A família sindiásmica é a forma da família característica da barbárie, como o matrimônio por grupo é a do estado selvagem e a monogamia é a da civilização. Da família sindiásmica, cujo grupo havia ficado reduzido a um homem e uma mulher, nasce a família monogâmica, cujo “triumfo definitivo é um dos sintomas da civilização nascente” (MARX; ENGLS, [s.d], p. 51-52).

A família monogâmica baseia-se no predomínio do homem, que havia conquistado uma posição mais importante do que a mulher devido às riquezas. Aos poucos, foram abolidos a filiação feminina e o direito hereditário materno, sendo

substituída pela filiação masculina e o direito hereditário paterno. A família monogâmica, segundo Marx e Engels ([s.d], p. 52):

Baseia-se no predomínio do homem; sua finalidade expressa é a de procriar filhos cuja paternidade seja indiscutível; e exige-se essa paternidade indiscutível porque os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, entrarão, um dia, na posse dos bens de seu pai.

A família sindiásmica ainda diferencia-se da monogâmica porque esta tem laços conjugais mais duradouros e somente é quebrado pelo homem quando este repudia a mulher. Contudo, o homem continua com direito de concubinato; à mulher legítima cabe o papel de governar a casa, cuidar dos filhos e vigiar as escravas.

O caráter da monogamia no início da civilização é que era só para a mulher, o homem podia ter suas concubinas na pessoa das escravas que pertenciam de corpo e alma ao homem. Entre os gregos, existia toda sorte de severidade a nova forma familiar com relação à mulher, que deveria ser severamente punida se fosse infiel ao seu marido.

Finalmente, Cerroni citando Marx (IN FELIX;CUNHA, 1971, p. 20) diz que ao recuarmos na história, encontramos o indivíduo que produz, não como ser autônomo, mas que faz parte de um conjunto maior, em primeiro lugar da família que se desenvolveu a partir da tribo; em seguida da comunidade em suas diversas formas, que foi o resultado do contraste e da mistura das tribos.

A história em seu registro nos permite dar um salto no tempo, por isso, no próximo item, abordaremos a questão temática até aqui exposta do ponto de vista da sociedade brasileira, em particular, àquela que sofre exclusão.

## 1.2 A família brasileira e a família em situação de rua: novos arranjos familiares

“A família é a base da sociedade”, segundo definição da Constituição Federal<sup>5</sup> de 1988. Conforme o artigo 226 da CF/88, e tem especial atenção do estado, e para efeito desta proteção, reconhece a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar. Sendo esta entidade a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes, cujos direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

---

<sup>5</sup> <http://www.jusbrasil.com.br/noticias/busca?q=CONSTITUI%C3%87%C3%83O+FEDERAL+ARTIGO+226&s=noticias>

De acordo com este conceito, percebemos um avanço social com relação à mulher, pois na sociedade primitiva vimos que os direitos cabiam apenas ao homem e à mulher apenas os deveres. Vale ressaltar, no entanto, que ainda hoje a mulher tem uma sobrecarga de responsabilidade imensa, principalmente quando ela lidera a família monoparental, isto é, aquela composta por um dos progenitores, pai ou mãe.

Apesar de lutas e sofrimento, a mulher conquistou seu direito ao trabalho, ao voto e a outros benefícios sociais. Trazendo à memória um fato marcante, mas que impulsionou a luta feminina, o exemplo das operárias de uma indústria têxtil de Nova Iorque, que foram trancadas e queimadas dentro da fábrica onde trabalhavam, no dia 8 de março de 1857, por reivindicarem direitos iguais.

Deixando à parte essas digressões, voltemos à família brasileira, cuja composição demográfica é embasada por uma diversidade étnico-cultural. Segundo Neder (1994, p. 28), não existe, histórica e antropologicamente um modelo padrão de organização familiar, portanto, não existe uma família regular. Cerroni (IN FELIX;CUNHA,1971, p.13) afirma que “não existe uma família em geral. Existem tipos históricos específicos de associações familiares”.

Esses tipos históricos vão se modificando com o próprio agir social. Logo, a família contemporânea, inserida no mundo capitalista e globalizado, tem sofrido inúmeras transformações, positivas e negativas concomitantemente. No Brasil, com a introdução de ajustes econômicos – “ajuste neoliberal” – na década de 1990, e consolidado na década de 1995, no governo de Fernando Henrique Cardoso (RIBEIRO MACIEL, 2009), a pobreza foi realçada e gerou, dentre outros fenômenos, a população em situação de rua. Quanto ao tema, enfatiza Kaloustian (1994, p. 12):

É consenso que a situação de vulnerabilidade das famílias encontra-se diretamente associada à sua situação de pobreza e ao perfil de distribuição de renda no país. No Brasil, como também em outros países, os programas de transição econômica e de ajustes macroeconômicos têm funcionado como um fator desagregador daquelas.

A situação de vulnerabilidade provocada pelo fator econômico teve como consequência a desagregação da família. Esse fator desencadeou outro grave problema: o fenômeno da população em situação de rua. “As crianças em situação de rua expressam o nível de miséria de suas famílias e de suas comunidades” (VICENTE, IN KALOUSTIAN,1994, p. 52).

A população em situação de rua é um fenômeno que tem sido agravado pelo vício de drogas consideradas lícitas e, principalmente, pelo uso de drogas ilícitas,

como também problemas de relacionamento dentro da família. Todos esses fatores têm engrossado a fileira daqueles que buscam a rua como lugar de habitação, e de sustento.

Viana Santos (2010, p. 3) nos informa que as mudanças profundas de valores, de comportamento e de identidade da família brasileira têm gerado novos arranjos familiares. A família nuclear está perdendo espaço para a família monoparental. Por outro lado, a família horizontal e fraterna, ou seja, aquela onde cada membro se sente autônomo e funcionalizado, e o homem assume papéis mais maternais está se consolidando na atualidade. A família horizontal, que, segundo Viana Santos (2010, p. 3),

pode ser caracterizada como coparental (poder paterno dividido com a mãe, biparental, multiparental, pluriparental ou monoparental, sendo assim uma família construída, desconstruída e reconstruída onde os filhos são educados sob a autoridade de dois pais e de duas mães convivendo com meios irmãos e meias irmãs.

Consideramos, pelos dados apresentados, que o papel de chefe e de provedor do lar antes atribuído apenas ao homem vem perdendo sua autonomia em virtude da entrada da mulher no mercado de trabalho, e de suas conquistas nos mais diversos setores da sociedade. A questão de gênero, contudo, ainda é forte, principalmente no Nordeste brasileiro, contudo, apesar disto, o homem também está mudando, pois hoje vem desempenhando, cada vez mais, papéis antes pertencentes apenas à mulher, como, por exemplo, a participação nas tarefas domésticas e o cuidado com os filhos.

Finalmente, em uma de suas assertivas, Viana Santos (2010, p. 3) diz que “o surgimento de novos estilos de vida e de novos arranjos familiares atesta que a sociedade contemporânea passa por um processo sociocultural de re-diferenciação e de re-definição da família com relação a outras relações primárias”.

Assim buscamos responder nossas questões-problemas norteadoras de nossa investigação: “em que arranjo familiar o público em situação de rua se insere?” “Será que podemos caracterizar esse público como família?” Desconfiamos que as respostas a essas indagações em certa medida norteará para um arranjo onde os laços não são de consanguinidade, mas, sobretudo, de afeto, de cuidados recíprocos e de compartilhamento do espaço público onde realizam suas atividades privadas, dos quais conseguimos observar a partir de nossa investigação e aproximação.

Após a interpretação das imagens a que nos propomos realizar, neste estudo, com base na hermenêutica simbólica durandiana, acreditamos que sugirá “uma luz

no fim do túnel” quanto à compreensão do fenômeno população em situação de rua. Por isso, neste próximo item, estaremos fazendo um resumo bem sucinto da teoria do imaginário proposta por G. Durand.

### 1.3 O imaginário de G. Durand

Primeiro, vale registrar, que o antropólogo francês G. Durand cria sua teoria tendo como objeto de sua pesquisa o *homo sapiens*, que para ele é um indivíduo complexo cujo imaginário está nele enraizado. O imaginário de cada pessoa seria então produzido internamente onde se misturaria com registros sensoriais enraizados numa bio-história pessoal, em que as idiossincrasias, a instrução, as ideologias sociais interfeririam nas funções do imaginário.

Desse modo, os processos de simbolização provenientes da confluência interior do sujeito com o mundo exterior permitem ao indivíduo participar da totalidade do mundo. “É esta articulação da introversão e da extroversão, do passado e do futuro, é esta composição dos níveis de imagens que Durand junta ao termo *trajeto antropológico*” (WUNENBURGER; ARAÚJO, 2003, p. 39).

Então o imaginário organiza as imagens produzidas nesse *trajeto antropológico*, cujo regime das imagens não estaria “estritamente determinado pela orientação tipológica do caráter, mas parece influenciado por fatores ocorrenciais, históricos e sociais, que do exterior apelam para outro encadeamento dos arquétipos [...]” (DURAND, 2002, p. 381).

Portanto, a hermenêutica proposta por Durand não se reduz às percepções do sujeito, mas é uma hermenêutica instauradora onde as imagens humanas são estruturadas logicamente pelo imaginário, constituindo-se, assim, num mundo de representações.

Durand (2003) estruturou as imagens dinâmicas humanas em dois regimes, convencionados por ele de Regime Diurno e Regime Noturno. Essa caracterização das imagens tem a ver como elas se formam no imaginário do indivíduo ou no imaginário de sua cultura. Assim, os indivíduos de uma determinada cultura podem conceber o universo de duas maneiras: cheio de divisões e oposições, ou unido e harmonioso (PITTA, 2005, p. 19). A primeira forma de ver o mundo corresponde ao Regime Diurno e a segunda, ao Regime Noturno.

O Regime Diurno é antitético porque nele convergem a luz e as trevas, cujas imagens diurnas de valorização positiva procuram vencer a escuridão. As imagens de valorização negativa são estruturadas a partir das *faces do tempo*, que representa as faces de *Kronos*, o tempo que imprime ao homem sua contínua passagem até culminar com a morte. Essas imagens de valorização negativa expressam a angústia do homem diante do tempo e da morte, por isso Durand as classifica de acordo com as imagens arquetípicas criados no imaginário humano e que remetem às suas narrativas míticas de animalidade, são as imagens teriomórficas; outras imagens que remetem a escuridão da noite em que o homem primitivo enfrentava os perigos, são as imagens nictomórficas. Quanto ao imaginário das trevas, Durand (2003, p. 92) diz:

Esta imaginação das trevas nefastas parece ser um dado fundamental, opondo-se à imaginação da luz e do dia. As trevas noturnas constituem o primeiro símbolo do tempo e quase todos os primitivos como entre os indo-europeus ou semitas 'conta-se o tempo por noites e não por dias'.

Por fim, as imagens catamórficas, que é a terceira caracterização das imagens de valorização negativa, simbolizam a queda do homem. Durand (2002, p. 113) diz: "A queda resume e condensa os aspectos temíveis do tempo, dá-nos a conhecer o tempo que fulmina".

As imagens de valorização positiva do regime Diurno são o contraponto daquelas negativas, pois "imaginar o tempo sob uma face tenebrosa é já submetê-lo a uma possibilidade de exorcismo pelas imagens da luz. A imaginação atrai o tempo ao terreno onde poderá vencê-lo com toda facilidade" (DURAND, 2002, p. 123). Assim, a estrutura heroica do imaginário "representa uma vitória sobre o destino e sobre a morte" (PITTA, 2005, P.26). As imagens diurnas são classificadas, resumidamente, em: símbolos de ascensão, símbolos espetaculares e símbolos da divisão.

O Regime Noturno é oposto ao diurno, pois se preocupa em unir e harmonizar e suas imagens estão organizadas em duas estruturas: a mística, que é a construção de uma harmonia, e a sintética, onde o tempo já não é aquele que traz a morte e precisa ser vencido, mas aqui, o tempo se torna positivo, pois é o movimento cíclico do destino.

A estrutura mística vai eufemizar a morte procurando negá-la, para isso cria um mundo baseado no aconchego e na harmonia. Enquanto a estrutura dramática vai "harmonizar os contrários, mantendo entre eles uma dialética que salvasse as

distinções e oposições, e propor um caminho histórico e progressista” (PITTA, 2005, p. 36).

Assim de forma sucinta, embora contextualizada, ressaltamos sobre a teoria do imaginário de G. Durand, da qual estaremos analisando as imagens colhidas através das histórias de vida dos sujeitos em situação de rua e procuramos desvelar as imagens que expressem a forma como esse público se organiza na sociedade.

## **2. DESVELANDO OS ARRANJOS FAMILIARES**

Vimos durante a revisão de literatura, efetuada em nosso estudo, que os progressos trazidos pelo capitalismo e pela globalização produziram mudanças estruturais nas famílias, tanto positivas quanto negativas, como consequência novos arranjos familiares foram sendo construídos. Os sujeitos sobre quem vamos discorrer caracterizam-se pelo fenômeno população em situação, ou seja, uma consequência negativa que a estrutura político-econômica deixou como herança.

Durante a nossa pesquisa, pudemos observar que as pessoas que moram na rua e se aglomeram próximo ao Mercado de Peixe de Tambaú, em sua maioria, procuram aquele lugar por oferecer condições de sobrevivência. Ali eles podem exercer um trabalho informal de cuidadores e lavadores de carros; o lugar promove o alimento, pois é próximo a bares e restaurantes e ao próprio Mercado de Peixe, cujos comerciantes apoiam essa população, conforme observamos durante um trabalho social que desenvolvemos junto àquele público.

Em nossas entrevistas, conhecemos o motivo que levou cada um daqueles sujeitos a irem morar na rua. Dentre as 10 pessoas entrevistadas, selecionamos para este artigo apenas duas, principalmente porque a interpretação das imagens fundamentada na hermenêutica simbólica de Durand requer um trabalho profundo de análise de cada imagem, demandando muita reflexão, o que seria impossível para este artigo.

Para a análise realizada partimos do pressuposto de que a Imaginação se constitui como uma força imaginativa da mente que se desenvolve em duas perspectivas diferentes, como nos afirma Gomes (2011).

Uma imaginação encontra seu impulso na representação da natureza ou dos acontecimentos vividos, daí ser imaginação formal, a que se atem ao estabelecido. A outra imaginação escava o fundo do ser, deixa ser tocada pela

natureza ou pelos acontecimentos para encontrar uma forma que está encravada internamente. Uma é imagem da forma, que fornece a figuração lógico-matemática do mundo. A outra é a imagem da matéria que favorece a compreensão poética do mundo. Uma pertence a atividade conceitual, de reflexões racionais, a outra é própria do devaneio da imaginação poética.

Deste modo, o imaginário se constitui como o poder vital, resultante e manifestador da relação entre o “eu subjetivo” e o “mundo objetivo” expressando em diversas formas de culturas, em todas as épocas de todos os povos. Ao observamos as artes em sua forma variada os mitos e seus símbolos, partindo do racional ao sensível, do concreto ao abstrato, do real ao simbólico, pois o homem não está limitado a um universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico.

Sabendo que o imaginário estabelece um equilíbrio dinâmico em uma forma de tensão entre duas forças de coesão, ou seja, os dois regimes – o diurno e o noturno e que cada um relaciona as imagens em universos antagônicos, entendemos que essas imagens antagônicas conservam a sua individualidade, potencialidade, e só se reúnem no tempo, na linha narrativa, num sistema, e não propriamente numa síntese, conforme nos afirma, (DURAND, 1988). Nesse sentido consideramos que para iniciar a análise importa antes contextualizar nossos sujeitos:

O sujeito 1 é do sexo feminino, tem 23 anos de idade, convive maritalmente com outro morador de rua. Ela está grávida de 6 meses, mas não demonstra muita preocupação com seu estado. Seu aspecto geral é desleixado. Mas está sempre contente e preocupada com seu marido, pois é cadeirante e necessita de maiores cuidados, contudo percebemos que a sua preocupação com ele é maior com relação a outras mulheres do grupo que, segundo ela, se insinuam para ele.

Em seu relato, ela afirma ter saído de casa por ter discutido com seu pai, porque tinha-se perdido, mas não quis aprofundar o assunto. É característica desses sujeitos o rompimento dos laços com suas famílias de origem, mas isso não significa que eles não constituíram novos laços. Quando esse sujeito 1 diz:

Meu pai me botou pra fora de casa porque eu tinha me perdido com meu namorado, então vim morar aqui na rua. Mas tenho medo de muita coisa. Aqui tem violência e a gente tem falta de muita coisa: roupa, remédio, comida. Agora to esperando um filho, piorou mais ainda. Também o povo rouba as coisas da gente. Quando a gente vai lavar um carro, o outro fica olhando as nossas coisas pra não roubarem. Também de noite é pior porque aparece gente querendo fazer o mal a gente.

Podemos inferir a partir dessas imagens o grande esquema da queda moral, que remete à queda na tradição judaica, que teve como consequência a morte. Diz

Durand (2002, p. 111-112) que “a terceira grande epifania imaginária da angústia humana, diante da temporalidade, parece-nos residir nas imagens dinâmicas da queda”.

Contudo, essa queda provocou no sujeito 1 a desagregação dos laços familiares, pois quando deixou sua casa, o vínculo com sua família originária foi totalmente cortado. Mas, ao ingressar no grupo do Mercado do Peixe, esse sujeito criou novos vínculos familiares, pois o grupo se constitui uma família afetiva que se protege mutuamente.

Nas imagens arquetípicas da queda, esta se transforma em duas valorizações negativas: a sexual e a digestiva. A promiscuidade do sexo que traz doença para o grupo e provoca uma gravidez indesejada. A reflexa arquetípica da digestão que força para baixo o alimento e que remete à dor do parto. Por isso, a queda remete aos símbolos da agitação.

Essas imagens remetem a compreensão de que há sim um novo arranjo familiar entre os moradores de rua. Na família de rua deste sujeito 1, formada pelo pai (seu companheiro), por ela, que é a mãe e pela criança que virá, poderíamos classificar como uma família monoparental, pois é ela quem procura os recursos de sobrevivência para si e para seu companheiro que é aleijado e não pode realizar aquele trabalho informal de lavador de carros.

Contudo, essa classificação é imprópria já que o conceito jurídico de família diz que a família é a base da sociedade, então, qual a base que este casal está preparando para o filho que vai nascer? Se o espaço público é o lugar de suas atividades privadas, inclusive o sexo. Percebemos que um novo arranjo está se constituindo, mas não sabemos qual.

Christine Collange (In VIANA SANTOS, 2010, p. 5) em seu artigo "Defina uma família!" cita várias denominações a estes novos arranjos familiares: família "casulo", família "disneilândia", família "clube", família "moderna", família "tradição", família "cepa", família "monoparental", família "em Kit", família "reconstituída", família "aberta", família "invisível", família "new look", família "nuclear", família "comunitária", família "fragmentada", família "parceira", família "de fusão" (1994,p.65).

Talvez pudéssemos nomear a família do sujeito 1 como família aberta, ou mesmo família invisível, já que esse público ainda é invisível para muitos, que não querem enxergar a situação dessa população.

Após essa breve análise das imagens do sujeito 1, passaremos a análise das imagens do sujeito 2. Este sujeito é do sexo masculino, tem 54 anos. Saiu de casa em virtude de uma briga com a mulher, pois havia se desentendido com uma filha adotiva. Ele trabalhava numa mercearia da família, tem três filhos, uma delas é universitária e todos são casados, exceto a filha adotiva. Em seu relato, ele diz:

Eu saí de casa porque joguei um copo de água na filha adotiva porque ela tava saindo com quem eu não queria. Por isso, minha mulher ficou muito zangada e disse se eu voltasse ia dar parte de mim na polícia. Minha filha é universitária, é tão linda, meus dois filhos são casados, todos trabalham, são homens de bem. Eu tenho muita saudade deles, eu queria voltar pra casa. Lá eu tenho tudo. Aqui até pra tomar banho é difícil, a gente toma banho de noite, mas tenho medo do mar de noite. Aqui eu me viro lavando carro, durmo de dia e passo a noite cuidando dos carros. Mas os outros ficam olhando meu colchão pra não roubarem.

As imagens nictomórficas representadas pelo banho do mar à noite mostram o medo da água escura.“[...]A voracidade feroz, o barulho das águas [...], tal como o aspecto viscoso, escamoso e tenebroso”. A água que vai convergir na isomorfia do cavalo, que representa a angústia da passagem do tempo. A água noturna que converge para o suicídio. Durand (2002, p. 97) vai dizer que a água noturna tem afinidade com o cavalo ou com o touro, que simbolizam a angústia do tempo.

O sujeito 2 demonstra essa angústia, o medo de morrer sem retornar à família de origem. Sua família agora é este grupo do Mercado do Peixe, que cuida de seus pertences para que ele possa trabalhar.

O desejo do sujeito 2 de voltar para sua casa onde “lá eu tenho tudo” remete aos símbolos da intimidade do Regime Noturno. A casa é um microcosmo do corpo humano, é um isomorfismo do útero materno: “a casa é o labirinto tranquilizador, amado apesar do que pode no seu mistério subsistir de ligeiro temor” (DURAND, 2003, p.243). Durand acrescenta:

A etnografia vem uma vez mais confirmar a psicologia: a cabana chinesa, tal como a gruta pré-histórica, onde a esposa reina em comunicação direta com o solo familiar, é uma matriz, “a própria lareira passa por fêmea onde se acende o fogo, esse macho”. (DURAND, 2002, p. 242).

A casa, enfatiza Durand (2002, p.244), é, portanto, sempre a imagem da intimidade repousante [...]”. Para o sujeito 2, mesmo com as discórdias conjugais, sua

casa é este lugar de repouso. O imaginário durandiano, então, esclarece de forma metafórica as imagens tecidas pelo sujeito 2; vemos assim uma suave beleza no imaginário humano que busca seus símbolos para suportar a angústia da morte.

As imagens diurnas expressas na postura de verticalidade de ambos os sujeitos, que em meio a toda dificuldade, se levantam para buscar meios para sobreviverem. Suas armas heroicas são as mãos calejadas que lavam os carros. O medo do tempo e da morte vai sendo eufemizado pela esperança de construção de uma nova família do sujeito 1, e pela esperança de voltar a agregar-se em sua família de origem do sujeito 2.

Compreendemos, portanto, que ao regime Diurno das imagens que está sempre pronto a lutar contra a morte, num estado constante de vigilância, contrapõe-se o Regime Noturno, que nega a morte e procura meios através dos quais a descida para um repouso é necessária.

Finalmente, Durand (2002, p.193) comenta: “o próprio Platão sabe que é necessário descer-se de novo à caverna, tomar em consideração o ato da nossa condição mortal e fazer, tanto quanto pudermos, bom uso do tempo”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O breve estudo aqui realizado pôde mostrar o caminhar histórico da humanidade em busca de uma organização social e familiar. Vimos que o caminho não foi fácil e continua sendo difícil, pois somos seres plurais, compostos pelos elementos da natureza e por uma natureza animal, que mesmo diante da imaginação criativa que produziu tanta tecnologia, dependendo da situação, o nosso cérebro reptílico nos leva a tomar atitudes animais.

Compreendemos também os mais diversos arranjos familiares e outros tantos que estão se formando, principalmente agora na contemporaneidade quando casais homoafetivos reivindicam seus direitos de constituírem família. Além de inúmeros motivos que instigam pessoas a irem morar na rua apesar de tanta violência urbana.

Percebemos que a teoria de Durand nos abre um novo olhar frente aos desafios da sociedade, pois nos leva a compreender nossa motivação a tomar as armas e lutar, como também a abdicar delas e aceitar a nossa condição mortal. Talvez esta

compreensão nos tornará pessoas “humanas”, tolerantes e não levadas a fáceis julgamentos e discriminação.

Os novos arranjos familiares que estão sendo construídos, principalmente pela população em situação de rua, talvez nos faça compreender o nosso papel como seres sociais que buscam a sua sobrevivência e que, para tanto, precisamos do trabalho em conjunto para combater tudo que venha trazer degradação ao homem e ao lugar onde ele vive; assim como nas sociedades primitivas o animal-homem precisou deixar o ciúme de lado para se hominizar, hoje precisamos, talvez, de um novo olhar para a nossa sociedade, que vivencia tantas mudanças, e plantar novas sementes que possam fazer a diferença e cooperem para a sobrevivência do nosso planeta.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro:

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Capítulos de livros:

CERRONI, Umberto. Considerações sobre a relação família-sociedade. In: **A crise familiar e o futuro das relações entre os sexos**. FELIX, Moacir; CUNHA, Fausto. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1971 (vol. 29).

GOMES, Eunice Simões Lins. Imaginação material e narrativa mítica. In: **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social**. 2 ed. JP: Ed.UFPB, 2011, p.53-67.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada, e do estado. In: **Obras escolhidas**. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. São Paulo: editora Alfa-omega, [s.d] (vol.3).

NEDER, Gizlene. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: **Família brasileira, a base de tudo**. KALOUSTIAN, Sílvio M.(org.). São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1994.

VICENTE, Cenise M. O direito à convivência familiar e comunitária: uma política de manutenção e vínculo. In: **Família brasileira, a base de tudo**. KALOUSTIAN, Sílvio M.(org.). São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1994.

WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe. Introdução ao imaginário. In: **Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações,**

**práticas hermenêuticas.** ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando P. (orgs.). Lisboa: Instituto Piaget, 2003. (coleção pensamento e filosofia).

Artigos:

RIBEIRO MACIEL, Maria Helena. Ajuste Neoliberal e Exclusão Social no Brasil. In: **Exclusão, inclusão e diversidade.** João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2009.

VIANA SANTOS, Eleniza S. Uma análise dos diversos arranjos familiares da atualidade. In: **Sociedade e cultura**, 2010.

Citação de sites:

Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/uma-analise-dos-diversos-arranjos-familiares-da-atualidade/40312/> - Acesso em 29/04/2013

Disponível em:  
<http://www.jusbrasil.com.br/noticias/busca?q=CONSTITUI%C3%87%C3%83O+FE+DERAL+ARTIGO+226&s=noticias> – Acesso em: 30/04/2013.

**Recebido em Maio de 2013**  
**Aprovado em Junho de 2013**